

## Cotidianos e Redes Educativas

Maria Martinha Barbosa Mendonça

### Racismo no Brasil e os “homens perigosos” em Malala

Uma criança, um professor,  
Um livro e uma caneta  
podem mudar o mundo.  
Malala Yousafzai

Eu li o livro de Malala em uma versão infantil, **Malala e o seu lápis mágico**, num dia qualquer, na hora do sono da minha filha caçula de sete anos. Hábito em nossa casa, alterado quando ela aprendeu a ler, pois, agora gosta de ler para nós duas. No decorrer da leitura viajei à minha infância e vida escolar. Fui uma criança de família pobre que foi morar com outra família para ter algum acesso à educação. Através dessa “oportunidade”, em que, diferentemente dos meus irmãos e irmãs, pude ter acessos a espaços privilegiados de cultura como cinema, parque de diversões, circo e livros. Porém, ao mesmo tempo sofria agressões diversas, como sexual e física.

A “*escola era meu lugar favorito*”, eu me sentia como Malala, “*com sorte só por poder estudar*”. Talvez a escola fosse o meu lugar de refúgio das violências que sofria. Estudei, na Educação Básica, em escolas no estado do Maranhão. Lá tive acesso também à Educação Infantil e acredito que fui uma aluna mediana no Ensino Fundamental. Gostava de ler e tinha acesso, só aos domingos na casa de uma tia, a muitos livros. Lembro de gostar de ir à escola, mas, apesar disso, não tinha as memórias de como eu me sentia nelas, nem como os professores que tive marcaram minha trajetória. Ao ler Malala com minha filha, refiz caminhos e fiz as pazes com minha história. Combinando memórias e caminhos da minha pesquisa que passa por analisar o processo de acesso e permanência das crianças

negras dentro do processo de universalização da educação no Brasil, percebi que a escola era uma questão para minha mãe, mulher negra que não lê e nem escreve, pois, não teve acesso à escola.

Malala luta por escola para as meninas pelo mundo. Penso que precisamos nos mover pelo direito à escola para todas as crianças, mas, especialmente, as negras. Embalada pela voz de minha filha me vieram lembranças de atitudes racistas na infância e na escola. Minhas memórias escolares começaram a se movimentar. Questiono como os corpos negros foram/são subalternizados dentro de uma mesma classe.

Lembro-me dessa demarcação de inferioridade desses corpos, tão comuns, desconfortáveis, evidentes, mas, silenciados. Expressões como a "neguinha do Codó", o "cabelo de cuscuz", todas essas falas da minha infância demarcavam os corpos negros da Outra infância, da Infância Negra. Lembro-me do meu "privilégio" no último ano da pré-escola em que fui escolhida pelas professoras para ser a noiva da quadrilha porque tinha cabelo liso.

E num país em que os dados do IBGE de 2010 apontam que, mesmo os negros sendo mais de 50% da população brasileira, ainda tem diferenças brutais na permanência e na conclusão da Educação Básica, como não pensar nos "**homens poderosos e perigosos**", como diz Malala, que impedem muitos de estudar. Esse "homem" é também o racismo estrutural, base fundante do nosso país. E como mulher, trabalhadora, mãe, estudante, nordestina, imigrante, professora etc., entendo que é necessário problematizarmos o espaço escolar e como ele pode influenciar na vida de um ser humano em formação.

Por fim, o racismo a que estão submetidas nossas crianças desde muito pequenas deve ser problematizado através de uma educação antirracista para que permita alterar o retrato histórico de como as pessoas negras sofreram/sofrem em condições sociais o preterimento dos direitos básicos, de representatividade e de perda

da autoestima, destruída por padrões culturais e estéticos eurocêntricos. É possível então considerar que os negros brasileiros deixem de ser tratados, no imaginário social, como cidadãos de segunda classe. Para isso, é preciso combater o Racismo Estrutural, que representa para o meu eu criança, os “**homens perigosos**” que atiraram em Malala... só porque ela queria ir para a escola.

## **REFERÊNCIAS:**

IBGE. **Censo Demográfico 2010. Tabela 3175.** População Residente por Cor ou Raça, segundo a situação do Domicílio, o sexo e a idade. 2010. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175>>.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada. **Educação antirracista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-63.

YOUSAFZAI, Malala. **Malala e seu lápis mágico.** Ilustrações Kerascoët; Tradução Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

## **Sobre o autor:**

Mestranda na faculdade de formação de professores - UERJ